



«O melro, eu conheci-o»
 «Replicando umas finas ironias»
 «Cantava, assobiava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapéu alto,»
 «Comendo alegremente, honradamente!»
 «Dão-me cabo de tudo estes ladrões!»
 «Como éle é melro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO:

Oscar Dinis, | Augusto Serra e Costa,
 Júlio de Meireles Noronha, | ???

Redacção: RUA EGAS MONÍS, 29 Administração: CAMPO DO TOURAL, 12

Composto e impresso na Pap., Tip. e Oficina do Enc. de E. José de Freitas, Toural, 128 e 128

Propriedade Societária de "O MELRO," — Quinzenário humorístico e literário

A PEDIR AMEIXAS

Quem é que pede ameixas?!

Ora quem ha de ser?!... E' o estuporsinho daquele cão que está ali, no princípio da Avenida Velha, mesmo em frente da casa do sr. Bernardininho Gomes da Silva!

Uma ameixa?!... Duas, três, quatro, cinco ameixas, se a primeira não der resultado ou não fizer efeito...

Pois 'stá claro!... Pode-se lá aturar uma daquelas!...

Passa uma criancinha, uma senhora, passam vossas excelências, passamos nós e, quando menos se espera, salta o canzarrão: *ão... ão... ão... ão... ão...*

As criancinhas, coitadinhas, cheiinhas de medo, dão terra p'ra feijões... as senhoras, assustadíssimas, aflitíssimas, querem imitá-las, mas não lh'o permite o travadinho das saias; vossas excelências, um pouco mais animosos,

habituaados a encarar de frente os grandes perigos, não se põe no mundo, mas exasperam-se, barafustam e berram; e nós, que igualmente embirramos com o caso, repontamos, protestamos e com justificadíssima razão.

Com justificadíssima razão, sim, senhores!...

Quem quer ter um animal como aquele, que só serve para assustar os transeuntes e incomodar constantemente a vizinhança, vive na aldeia, longe dos povoados e não dentro duma cidade, que se orgulha de ser o berço de D. Afonso Henriques e que se presa de ser iluminada pela electricidade do Jordão e que tem um corpo de policia de *se lui oter le chapeau!*...

De que diabo se riem vossas excelências?!...

De se lui oter le chapeau, sim,

senhores!... Um corpo de policia *de haut lá avec lui!*...

Admitam, os senhores, que passa por ali uma criatura no seu estado interessante e que se assusta!...

O que lhe poderá acontecer?!...

Sim; o que é que lhe poderá acontecer?!...

Digam... falem... Sejam francos...

Suponham que passa um pobre diabo, que sofre do coração, que tem uma lesão adiantada, como a nossa, e que ao receber aquela inesperada e violenta comoção, cai ali fulminado como um tórdo!... Como um passarinho!... Será bonito?!... Terá graça?!...

Vamos!... Digam... Que diabo!... Esta gente não diz nada!... Só tem lingua para falar dos outros e dizer aquilo que assim não é!... Que diabo de scisma!...

Mas... ainda mais: Imagine a gentil leitora, que vai pelo braço do seu adorado, do seu doce bem, fazer avenidas, à hora a que costuma aparecer na Penha a pálida lua... o pastor bemdito, como lhe chama Junqueiro e que éle... o

CASA ELEGANTE—CHAPELARIA CAMISARIA E GRAVATARIA



MANOEL C. MARTINS—PASSEIO DA INDEPENDÊNCIA

seu ai Jesus... para mostrar que tem linda voz, lhe dispara um *improvisado* todo vibrante de amor e galanteio como este:

"*Foje, lua, envergonhada
Retira-te lá do ceu,
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho de que o teu.*"

Sim; suponha, vossa excelência, que o seu queridinho... o seu Romeu...

Não é Romeu?!... O seu Julião, então... Que o seu Julião... o seu cherubim... o seu pombo arrolador lhe vai a dizer, muito baixinho... muito em segredo... umas frases muito meigas... muito ternas... umas frases do tempo do arroz de quinze... muito velhas, mas que tem o condão de serem sempre novas para os namorados:

*Como t'amo, meu anjo! Como
havemos de ser felizes quando o
teu papá concordar e a tua mamá
disser que sim!... Como ha-de
ser lindo!... Como ha-de ser
um mimo de graça, de poesia
e prosa o nosso ninhinho de
amor!... Como has-de adorar-me
e ser meiguinha, minha joia, mi-
nha pomba sem fel!...*

Sim; imagine, vossa excelência, minha senhora, que vai a ouvir estes galanteios, estas palavrinhas doces, como os doces das Costinhas, e que na altura da meiguinha e da pomba sem fel, salta de lá o animalão e começa: *ão... ão... ão... ão...*

Ai!... querida e gentil leitora!... Que susto e que agouro para o seu namorado!...

Mas... agora reparo!... Vossa excelência está a chorar?!...

Ora... ora... O Julião não é supersticioso!... O Julião não é dêsses!... Não é homem que acredite nessas coisas!... Anda cá Julião... não sejas tolo... anda

p'ra beira da tua menina... Anda cá tolinho, anda dizer à tua amada:

"*Amar e saber amar,
Amar e saber a quem;
Eu só amo a ti menina,
Não amo a mais ninguém.*"

Isso... isso!... Mais, mais:

"*O' meu amor, pede a Deus,
Que eu cápeço a Santo Antonio,
Que nos ajunte a nós ambos
No livro do matrimónio.*"

Agora vossa excelência. Nada de vergonha, vá... vá. Qual vergonha, nem qual cabaça!... Vã... vã...

"*Se tu queres e se eu quero,
Temos o contracto feito:
Não é o cão d'Avenida
Quedesfaz o que está feito.*"

Muito bem!... Que se repita, que se repita.

"*Minha saia de refegos
Tem pestontos nas bainhas;
Inda espero de ajuntar
As tuas mãos com as minhas.*"

Bravo! bravo! Enquanto vossas excelências ajuntam as mãosinhas, eu vou pedir ao sr. administrador para que, sem perda de tempo, faça intimar o dono ou dona do terrível e inconveniente cão, affm de o prenderem mais curto ou para que o mandem para o diabo que o carregue...

Gostamos muito de eães, não só por serem animaes inteligentes, mas também por serem os que com mais facilidade se afeiçoam e dedicam ao homem, todavia quando eles são da raça da-quele que está no quintal da casa que fica no principio da Avenida Velha, quando são *Inconvenientes*

e malcreados, isso t'ó rola!... Digne-se, pois, o sr. administrador atender o nosso pedido que é um pedido justo, um pedido que tem razão de ser e evita quem sabe? que o pobre animal que afinal não tem culpa de aquelle génio, venha a esticar o pernil antes do tempo...

Depois se o bicho morre, vão logo as carpideiras, as anzoineiras com a treta e cantilena costume: *Coitadinho! Olha como ele está inchadinho!... Tem barriguinha qu'inté parece um bombo!...*

Tadinho!...

PINTASILGO.



Sempre tem coisas...

Quem é que sempre tem coisas — O Guise. Você não viu o último n.º da *Alvorada*?

Ele a repontar com o Jordão? Reponta, menino. Reponta, berra, barafusta que não consegue coisa nenhuma.

Isto não é nosso!... Isto é dele e só dele.

E's um ingênuo, desculpa que t'ó diga.

Então não sabes que Guimarães não é dos vimaranenses?!...

Valha-te Deus, valha! Juíguei que tinhas mais juízo, amigo Guise.

Queres, tu, obrigar o homem a *abrandar a marcha*!...

Isso abranda êle!... Ha-de ir até ao fim, até à médula, até ao tutaninho...

Tu sabes o que é o tutaninho, amigo Guise?



Ora olhem bem para esta fisionomia. Examinem bem e digam-nos se é ou não a cara duma boa pessoa!

Já o conheceram, de certo.

E' uma bela figura, simpática, insinuante, atraente, pois não é verdade?

E' o sr. padre António Augusto Monteiro, alma sublime... coração excelente... lídimo caracter... que tam util tem sido à sua terra, à nossa querida e adorada Guimarães, pelos relevantíssimos serviços que lhe tem prestado.

E' um dos maiores e mais fervorosos entusiastas da nossa encantadora Penha e um dos que mais deoadamente se tem interessado pelo seu progresso e embelesamento.

Teríamos de ocupar um bom espaço do nosso quinzenário, se tivéssemos de inumerar os serviços que s. rev.^{ma} tem prestado às diferentes casas de caridade, entre elas a V. O. T. de S. Francisco, pela qual o nosso retratado de hoje tem uma especial adoração.

Infelizmente o espaço não nos sobra e o nosso jornal não é bem para estas coizas e, além disso, seria tolice repetir o que toda a gente sabe.

Pois não é assim?

Eu logo vi que vossas excelências concordavam.

Ora o que os cavalheiros desconhecem, o que vossas excelências ignoram, o que os

nossos presados leitores não sabem é o que o padre António Monteiro é o iniciador duma subscrição para a compra dum relógio, que muito breve há-de figurar ali, no zimbório da igreja de S. Pedro, de cuja irmandade

naquele leve sorriso? Naquela sôbre-casaca? Ora digam-nos: fica-lhe bem ou não?!...

E se vossas excelências o vissem vestido de rei?!... De rei é que ele é bonito, palavra de honra!...

De manto de baeta-carriça e sceptro trabalhado nas afamadas oficinas do João Rouquinho, com uma corôa muito grande na cabeça, a receber as homenagens, os cumprimentos, as mesuras dos seus vassallos, os entusiastas das antigas e tradicionais **Festas de Nicolau!**

Ai! padre António, amigo!... Há quanto tempo isso vai!... Como o tempo foge e como a velhice vem tam rapidamente!...

Mau!... mau!... lá vamos nós a puxar para a lágrima...

Toca a cantar, toca a cantar... Quem canta seu mal espanta...

Lá vai cantiga, padre amigo. Tem paciência. Deixa-me afinar a garganta... deixa ver se vem a *musa*, a minha *musa* tacanha.

Pronto!



PADRE ANTÓNIO A. MONTEIRO

de o nosso amigo é digníssimo juiz.

E consegue o dinheiro que quizer, porque o padre Monteiro tem muitos amigos, um grande numero de compadres e a causa é deveras simpática.

Mas, ainda uma vez mais:

Vossas excelências já olharam bem para êle? Já se afirmaram bem? Já repararam

Saudades, tenho saudades.
Tenho saudades, Monteiro;
Quando via de tua casa
A chegada do Pinheiro!

Depois, na noite das *posses*,
Para sempre lembrarei:
O Lima, de *Bonaparte*
E tu vestido de rei!...

Dia 4 de dezembro,
Noite de santa alegria;
As piadas do Roriz
E os ditos do Burnaria!

O nosso amigo Flores
A brindar: *Por Guimarães!*
E a rir-se como um perdido
Martins, da Torre dos Cães.

O Veiga e mais o Crisóstomo,
E o Rato à minha beira;
O Calandro no seu prato
A comer como uma fricira!...

Castanhas, queijo e uvas,
Maçãs, nozes, bons figos;
Pirihões, biscoitos e doces
Pra barriga dos amigos.

O cognac e vinho fino,
Aguardente de estalar...
E o belo do espumoso
Da tua lavra em Gondar.

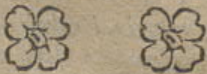
Esquecer, pois, ninguém pode
Tal noite de reinação;
A noite de carraspana,
De verdadeiro pifão!...

Era de caixão à cova...
É Andrade e o Freitinhas;
Amaral, Novais Teixeira
E o Rodrigo *Cadeirinhas!*

Mas tudo por tempo acaba,
A tua posse acabou...
Nicolau voltou as costas
A quem tanto o adorou!...

Vou terminar a cantiga,
Meu caro padre Monteiro;
Quer's apanhar um abraço?
Venha o relógio primeiro.

PINTASSILGO.

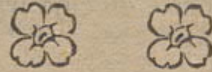


UM COELHO INTELIGENTE

Com 17 valores terminou este ano o curso do liceu de Guimarães,

o académico Carlos Coelho, considerado, e com razão, um dos alunos mais inteligentes do **Internato Municipal**.

Um xi-coração.



A batota

Qual será a razão, o motivo, a causa porque a *Alvorada*, *Os Ecos de Guimarães* e o *Comercio de Guimarães*, sabendo que nesta terra se joga a batota com toda a força, não têm uma palavra para verberar tão desgraçado vicio?!...

Dantes, noutros tempos, a *Alvorada* ainda publicava magistraes artigos devidos à pena brilhante e fulminante de Mario Cardoso, mas hoje é o silencio que vossas excellencias estão vendo!...

E o *Ecos de Guimarães*?! Esse tambem está caladinho como um pêto, apesar do snr. administrador não ser da côr e nestas coisas de batota não haver politica.

Será porque o *Ecos* não tinha quem saiba escrever?!

Não!... A coisa é outra...

O *Ecos* tem jornalistas de pulso, principiando pelo seu redactor o ilustrado e inteligente snr. António de Carvalho.

O velho *Comercio*, apesar da sua idade, ainda tem fôrça para pegar num estadulho e dar p'ra baixo nessa corja, que anda por ahi a explorar os incautos, os papalvos, os tôlos que lh'o vão levar ali... ao monte;

Até hoje quem tem berrado?
O *Melro*, *A Liberdade* e *A Montanha*.

Mas o *Melro*—é dos rapazes...
A Liberdade—dos catholicos, *A Montanha*—dos democraticos e este mundo—dos batoteiros que

comem e bebem do melhor do *bô*, enquanto que se não fizer contra elles uma campanha tenaz, forte e vibrante.

Nós continuamos como at aqui:

Abaixo o jogo!

Abaixo a batota!

Senhor administrador: em Guimarães continua a jogar-se a batota com toda a fôrça e nós pedimos a fôrça de vossa excellencia para que proiba o mais rápido possivel a fôrça da batota!

Até ao próximo número, se daqui até lá não apanhar-m'os um *carambolim*, um pum, que nos mande para o outro mundo onde se não joga a batota com aqui, onde os batoteiros vicejam como os cogumelos num monte de estrume,

Até lá, pois.



Ao Leão

Eu li a—*Musa Vil*—em poucas horas mas trago inda na mente palpitanτες o feixe de poesias delirantes qual despontar magnifico de auroras.

Se há por ahi alguêm desnorleado que não leia o trabalho do Leão, steja certo que fica excomungado sem jamais alcançar algum perdão!

Resistir à leitura tam suave como o remigio tímido duma ave, desgosto semelhante não conheço!...

Se assim fôsse, não dava o parabem este 'scriba pelintra que já tem o gôsto de te ler... e por bom preço!

R. E.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos; para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XXXVII

Toma cuidado Maria
Onde pões os pés no chão,
Porque entre a relva aparece
De vez em quando um sardão...

XXXVIII

"Têm ouvidos as paredes,
Espeto de pau o ferreiro";
Homem rico não tem X...
Homem pobre tem dinheiro...

XXXIX

Todo o amor ama outro
Por ele?... quem não trabalha?
Basta que diga o rifão:
—Todo o burro come palha!...

XXXX

Coração porque não falas?
Um gatuno é mau freguês,
Homem côxo vai andando,
O' cego:—porque não vês?...

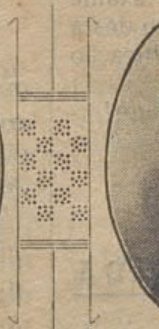
(CONTINUA.)



O MELRO encontra-se à venda, no Quiosque do sr. Torcato Gonçalves, ao Passeio da Independência.



EM FOCO:



Embora pequenina tem a elegância sublime e apreciável que a distingue entre as grandes.

Coração de pomba! Rosto de santa!

Os olhos, perolas brilhantes e encantadoras que extasiam o coração mais incensível, são testemunhas riais da bondade que lhe sacia a alma, quando fitam com tristeza os desgraçados, com meiguice os infelizes e com doçura o gênio terrível e espantoso do mano que, quando se exalta com as questões políticas do paiz, só ela é capaz de suavisar com a força daquele olhar misterioso, que nos conduz aos páramos da adoração!

Virgem divinizada pelo florir duns sorrisos puros e sinceros, pela subtilidade dum corpo altivo e franzino, pelas madeixas setinosas que lhe cobrem o rosto churnio e sidério, foi com certeza, antes de vir a este mundo de desilusões, abençoada pelo balsamo perfumado da própria Virgem Maria, que não lhe bastando a beleza, a alma e o coração para a tornar semelhante a si a dotou com o seu nome terno e santo.

PALITO.

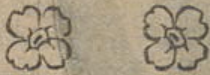
ZÉ DE BEJA.

Prefiram o MARTINS não só por ser bom rapaz como também pelos esplêndidos sortidos do seu estabelecimento

PARABENS

O nosso bom amigo Germano Vieira, aluno do **Internato Municipal**, obteve no exame do quinto ano, feito no liceu desta cidade, a honrosa classificação de 18 valôres!

Muito bem, amigo Germano!
Toma lá um abraço.

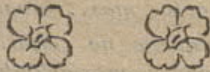


GARRAIADA

Consta-nos que um grupo de rapazes chics da nossa terra, promove para breve uma garraizada.

Isso é que o Zeferino, endireita de Rio Tinto, vai ter que fazer...

E se Zeferino não estiver, tem a Ritinha, em Barrosas, ali, acima de Vizela.



Um postal do Souza

Meus amigos:

Escrevo-lhes da Povoia do mar. É uma vila lindíssima! Uma praia verdadeiramente encantadora!

Tenho gosado muito! Muito! Muito... As senhoras acham-me muito simpático e que visto com muito elegância!

Já mergulhei duas vezes o nívoo corpo nas selsas e límpidas aguas do oceano.

Imaginem, vocês, meus amigos, que chegou o meu arrojo até ao ponto de *valsar* em pleno mar! Fiz um figurão!

Aqui, gosa-se.

Até à vista.

Adeus!

Souza.

Agradecemos a gentil lembrança, que para nós teve o nosso affectuoso amigo e recomendamos-lhe o maior cuidado com os *mergulhos*... Muito cuidado, amigo! Quando se põe no maior, vem sempre o menor e vice-versa... Percebe?

Juntas paroquiais republicanas

Escola! Escola!

Aos leitores, apresentamos mais este celeberrimo **documento** (mas ó que documento!!!) que a *Exceclentissima Comissão Paroquial de Gonça* mandou estampar à porta da igreja daquela freguesia. Leiam, pois, e digam de sua justiça se a gente *deve certificar-se* de que estes senhores não necessitam ir para a escola como os interessantes bebês?

"A Comissão Parochial da freguezia de Gonça deve Certificar se os nubentes Lourenço Joaquim Duarte filho de António Joaquim Duarte e Maria Rosa e Ermelinda Cardoso filha de Joaquim Cardoso e Maria de Freitas rezidentes em Gonça o nubente no lugar de Sendim e a nubenta no lugar de Villarinho ambos Criados de Serbir.

Gonça 30 de Outubro de 1912.

O. Prezidente Clementino
Antonio da Costa

José Antonio da Cunha
e S^o Junior

Manoel Joaquim Marques
da S^o

João da Silva.

Os leitores leram! que dizem? temos razão, pois temos?

—Bem, é o quanto basta.

Escola! escola! meus meninos... e o mestre que vos ature...

Até os petizes

O pequenito Edmundo de Souza, aluno do **Internato Municipal** e netinho da sr.^a D. Angela Penafort e do sr. João Silva, obteve a classificação de distincto no exame do 2.^o grau, feito ante-ontem, nas **Escolas Centrais**, desta cidade.

Os nossos parabens aos pais, avós e ao petiz.

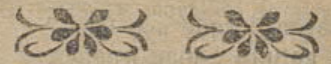
Da Alvorada:

Um belo exame—Na passada quarta-feira fêz exame do 2.^o grau o menino Agnelo Pacheco, aluno do **Internato Municipal** e filho do nosso estimado conterrâneo, sr. António Pacheco Guimarães, importante negociante no Brazil.

Houve-se por tal forma e tam brilhantemente a inteligente criança, que o sr. Cônego António da Silva Ribeiro, illustre presidente do juri, fêz publicamente, e com a aprovação dos seus distintos colegas, as mais elogiosas referências àquele examinando.

Parabéns ao estudioso e inteligente estudantinho, a seus extremos pais, ao **Internato Municipal** e um grande abraço ao seu distincto professor e nosso presado amigo sr. Manuel da Costa Pedrosa.

Fazemos nossas as justissimas palavras da imparcial *Alvorada*.



Os tais torneios

Afinal a *Alvorada* sempre falou e, diga-se em abono da verdade, falou com graça e delicada ironia a respeito das senhoras, que brindaram os atiradores, que mais se distinguiram no torneio aos pombos, ultimamente realisado nesta cidade.

O *Melro* agradece.

Ao iustre correspondente da «Liberdade»

O *Pintassilgo* cantou à porta do sr. Mariano Felgueiras, porque estava persuadido ser aquela a melhor porta a que podia cantar, afim de ser posto um freio ao terrível vício do jogo.

Enganou-se, porem, pois essas coisas não são com s. ex.^a, mas sim com o sr. administrador do concelho.

O ilustrado correspondente, cuja voz é melhor do que a nossa, é que podia, se quizesse, *cantar*, todos os dias, uma *cantiguinha* das suas à porta do sr. dr. Moreira Sampaio que é quem está com a vara da autoridade.

Cante, cante, velhinho...

—Então lá vai, com licença de *vóssoria*:

E viva a bandeira,
Da senhora da canhota
Viva A *Liberdade*!
Abaixo a batota!

—Ora viu?!... Nós não lhe dissemos que o amigo tinha melhor voz?!...

Vamos, vamos... A modestia nem sempre é bonita.

Depois de amanhã compraremos a *Liberdade* afim de apreciar as suas *cantiguinhas* a respeito de tal assunto.

Sim? Sim ou não?



Um batoteiro ao ler o *Melro*:

Ai que m'aleijas...
Ai que m'aleijaste!
Ai que me feriste...
Ai que me mataste!

Que os diabos te levem para as profundas do inferno!

NOTICIARIO

(Muito íntimo: só para amigos)

Em virtude de se encontrarem num estado lamentoso de grande *peneirice*, e dos velhotes não lhes *apararem o jôgo*, não podem este ano partir para as praias como eram os seus mais ardentes desejos, os nossos amigos:

Tónio Leão, Quinzinho Teixeira, Tónio Lapinha, Aurturinho Freitas e o mano, Carlos Coelho, João Charuto, Tónio Pina (o sr. Feudal), Gômes Alves (o Xilinho), Tónio Germano, Quinzinho Arantes, Zé Feliz, Serapriço de Castro, Augusto Serra, Chenas, Gaspar Caroço, etc., etc.

A S. Ex.^{as} recomendamos as aguas de Selho...

Partidas:

Para Barcelos o Manelzinho Miranda da Silva; para Santo Tirso o Eduardinho Passos; para o Pôrto o Zé de Beja; para a Póvoa de Varzim, por três dias, o Alfredinho Sobras; por 15 o Berto Braga e o Quim Roberto; por 30 (não confundir com 30 rs.!) o Niquinho das Senhoras e mai-lo o Tónio da Costa Carneiro; para as Taipas o carro da carreira.

Chegadas:

De Coimbra o Xico Viamonte com o curso do liceus, e o Manel da Seara; de Lisboa o Augusto Cunha (o Barriguinha); de Fafe... não veio ninguém.

Entre nós:

O sr. Felix da Cunha Soto Maior, de Barcelos.

Com a cabeça rachada o Silvino Cardozo.

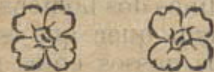
ROMA Banhos:

Andam a toma-los em Vizela os nossos amigos Ernesto de Castro e Amadeu Moutinho, onde bebem o delicioso café em enormes malgas.

Seja benvinda!

Das remotas terras de Celorico de Basto, dêsse ridente e poético Celorico, chegou, há dias, a esta cidade a simpática mademoiselle Albertina^a Pinto de Lemos.

S. Ex.^a hospedou-se na galante vivenda do nosso amigo Alfredo José de Souza Felio Pinto e Lemos.



Um bravo

O sr. Joaquim Bravo, filho do nosso presado amigo sr. Alfredo Bravo, de Vizela, e aluno do **Internato Municipal**, ficou classificado com 16 valores, no exame de 3.^a classe.

Ao Bravo pai e ao Bravo filho, o *Melro* manda um bravo de parabens e pede o favor da assinatura.

Sim?



MUSA VIL

PRIMEIROS VERSOS POR

Leão Martins

A' venda na Papelaria, Tipografia e Encadernação de F. J. de Freitas, ao Toural.

Preço—30 centavos.

SECCÃO LITERÁRIA

AMOR

Ó amor! Adoração! Voluptuosidade de dois espíritos que se compreendem, de dois corações que se consubstanciam, de dois olhares que se confundem!

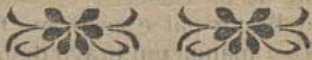
Quando vos gosarei, ó ternural
Quando vos verei, ó aves do céu,
vagueando enlaçadas mutuamente unidas no silêncio da solidão?!

Quando vos gosarei, ó fulgidos e abençoados raios vividos,
do sol da nossa ventura!

Por vezes tenho sonhado que de longe caem do céu algumas partículas do viver dos anjos e vêm ao mundo intermisturar-se nos destinos dos homens. Todos nós, quem quer que sejamos, temos os nossos entes respiráveis. Se eles nos faltam, falece-nos o amor, breve sufocamos.

Então é certa a morte.
Morrer por falta de amor!
Oh! Que terrível morte!
A asfixia da alma!

VICTOR HUGO.



LANCHA EM PERIGO

ERA há dias, ao fim da tarde, na Foz. O céu, no alto, tinha a brancura d'uma porcelana: já a decoração infamada do poente se apagava, e grandes tons doirados desbotavam numa tinta roxa.

O mar, dum azul duro, estava riscado das espumas. Entre as rochas, na praia, a marésia era violenta; e na linha

da barra sucediam-se, uma após outra, largas ondas monotonas.

Vinha a entrar uma lancha à vela. As ondas tomavam a pequena embarcação pela pópa: ela fugia à bolina, rijamente impelida.

Uma vaga maior sacode-a furiosamente. Pescadores, mulheres, no largo, ao pé do Castelo, rompem a gritar.

Há ali perto uma barraca de saltimbancos. Dois palhaços, já vestidos, caiados, com guisos, vieram olhar, pasmados.

A lancha corria. Ergue-se sobre ela outro mar mais forte.

— «Está livre! não está livre! Santo Deus! Jesus!»

A onda, quebrando, apanhou-a pela pópa, ergueu-a, balança-a, e por um momento viu-se apenas, na espuma, a vela oscilar, com a lenta palpação da aza dum passaro que morre.

Na praia as mulheres gritavam, de braços sobre o chão. Os palhaços empalideciam sob o alvaiade. A sombra da noite caía.

A lancha tinha escapado. Correram todos ao cais, vê-la atracar.

Vinha cheia de água, com a vela molhada até meia altura, os remos partidos. Estivera perdida. O patrão, um velho baixo, sêco, de cabeça branca sob um barrete de pele de lontra, atirava para fora a corda da rêde. Tinham trazido dez ou doze pescadas!

Cada pescada podia valer seis vinténs! E tinha estado perdida, a lancha!

E era ao anoitecer, longe de socorro, na água impietosa!

EÇA DE QUEIROZ.



SONETO 0000

Quizera ser um grande marinheiro,
Um novo astro entre os milhões de sois!
Ser de Albuquerque um filho aventureiro,
Pertencer à família dos Heróis!

Ou então ser um simples pegureiro,
Viver, ao sol, no monte com os bois...
Ou, antes, ser um pescador trigueiro:
Nascer no Oceano e ficar, lá, depois!

Quizera ser "Alguém,": para isso creio
Que vim ao mundo; e a Humanidade veio,
E à vida nos lançaram nossos Pais:

Mas o que faço eu (e o tempo foge),
O que fazemos nós, rapazes d'hoje?
Bebemos e fumamos, nada mais!...

Leça, 1887.

ANTÓNIO NOBRE.



Aquele olhar...



Aquele olhar primeiro que me deste
Ficou como reliquia bemfazeja...
Olhar d'inspiração... olhar celeste...
Meu coração de novo te deseja!

Mulher, aquele olhar que me volveste
Entonteceu-me tal o seu fulgôr...
A luz daquele sonho que me deste
Ensinou-me, por fim, o que era amor.

Eu vou-me embora, eu vou deixar-te, Leça,
Levo comigo a tua imagem bela
E fica junto a ti a minha Vida...

Olhar de sensação... adeus morena...
Quando eu partir e te deixar donzela,
Concede-me outro olhar-a Despedida-!...

Porto, 8-8-1915, madrugada.

(Do livro "Almas Místicas,")

ANTÓNIO ABÍLIO DE MESQUITA.